



EM TEMPOS DE TERROR E OTIMISMO: O DISCURSO AUTORITÁRIO NA IMPRENSA DE SERGIPE (1964-74)*

Marcos Santana de Souza**
Universidade Federal de Sergipe
mss-santana@hotmail.com

RESUMO: Os discursos produzidos pela mídia brasileira durante os governos militares que se sucederam no Brasil pós-golpe de 1964, têm-se constituído importante fonte para compreensão das estratégias utilizadas pela fala dos “militares” para atuar no imaginário social dos brasileiros. Neste sentido, este artigo analisa a retórica do golpe na imprensa escrita de Sergipe entre os anos de 1964 e 1974, de modo a perceber os aspectos histórico-lingüísticos das alocações políticas de apoio e/ou resistência ao regime militar. A observação dos jornais colaborou para identificar nos discursos a presença de dois momentos fundamentais: o de guerra lingüística contra o “avanço” comunista; e uma segunda fase, marcada pelas propagandas que visavam suscitar o otimismo entre os brasileiros através de mensagens de esperança no futuro do País, durante a era do “milagre econômico”.

PALAVRAS-CHAVES: Ditadura militar – Imprensa – Imaginário

ABSTRACT: The discourses made for Brazilian media during the military government that succeeded them in Brazil after 1964' blow, have been constituting important subsidies to compression of the strategies used for military speak to act to act in the Brazilian's social imaginary. Therefore, this article analyzes the blow's rhetorical in the write press of Sergipe between 1964 and 1974' years, of way to perceive the historical and linguistical aspects in the politics allocutions of the support and/or resistance to militar regime. The observation of the newspapers helped to identify in the discourses two moments: the first of linguistical war against the comunism and the second, marked for publicities that aim to suscitare the optimism between the Brazilian through messages of the hope in the future of country, in the economic “miracle ideia”.

KEYWORDS: Militar Dictatorship – Publicity – Imaginary

* Este artigo é uma versão adaptada de um dos capítulos do trabalho monográfico de conclusão do curso em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe intitulado “Do medo à esperança: ditadura e propaganda política na imprensa sergipana (1964-1974)”. O referido trabalho contou com a orientação dos professores Dr. Antônio Ponciano Bezerra (DLE-UFS) e Ms. José Vieira da Cruz.

** Mestrando em Sociologia do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar

Michel Foucault, **A Ordem do discurso**

A linguagem e suas diversas faces, presentes no cotidiano e no imaginário social, representam um dos mais importantes aspectos humanos. De acordo com a lingüista Ingedore Koch, a linguagem humana pode ser entendida como “espelho” do mundo e do pensamento; “ferramenta” voltada para a comunicação; “lugar” de ação e interação.¹

É através do ato comunicativo que diferentes realidades se relacionam, porque além de representar e ser signo pelo qual se torna possível perceber diferentes representações do mundo, a linguagem se mostra como instrumento a partir do qual se realiza a interação entre os diversos níveis da sociedade.

Olga Tavares,² ao analisar os aspectos lingüísticos da propaganda política, afirmou que as palavras se apresentam como peças essenciais no jogo político, local onde verdadeiros projetos de dominação, muitas vezes despercebidos, terminam se escondendo atrás dos signos verbais. Na construção de um discurso, o autor não fica incólume à necessidade de jogar com símbolos, criar e despertar imagens adormecidas no leitor. Na perspectiva de instigar o enunciatário da mensagem à incorporação das idéias, este recupera códigos que colaboram para configurar uma ideologia que seja capaz de “dominar” através de seus argumentos e “visões”.

Neste sentido, não existe no processo de construção das propagandas nos regimes autoritários a ambivalência receptor-emissor, mas somente a de um receptor

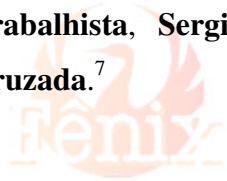
¹ KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 09. (Repensando a Língua Portuguesa)

² TAVARES, Olga. **Fernando Collor: o discurso messiânico: o clamor ao sagrado**. São Paulo: Annablume, 1998, p. 102.

incapaz de interferir ou modificar o que está sendo dito.³ No campo político, o discurso autoritário corresponde à maneira pela qual o poder se identifica com as formas de dominação, quando pretende construir o discurso enquanto verdade.⁴

Assim, o propósito que permeia este artigo está na análise da propaganda política dos militares, contida nos mais importantes ícones da imprensa escrita sergipana, entre os anos de 1964 e 1974. A idéia que serve como diretriz para este trabalho tem por finalidade possibilitar um entendimento histórico sobre o lugar da imprensa diante dos impasses do regime militar, através da análise da propaganda política produzida durante a ditadura. Pretende-se identificar as formas utilizadas para difusão de diferentes imagens sobre o país, o “povo” brasileiro e o próprio sistema autoritário.

Para efetivar nosso objetivo procedemos a pesquisa de fontes jornalísticas, mais especificamente artigos, editoriais e reportagens das principais publicações da imprensa sergipana, com o intuito de observar a representatividade lingüística dos enunciados, assim como das estruturas argumentativas mais utilizadas nos jornais **Folha Trabalhista**, **Sergipe Jornal**, **Gazeta de Sergipe**,⁵ **Correio de Aracaju**⁶ e **A Cruzada**.⁷



www.revistafenix.pro.br

³ CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 39. (Série Princípios)

⁴ Michel Foucault (FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 133) esclareceu que há nos discursos políticos um combate em torno da verdade ou dos próprios efeitos que são atribuídos a ela. Pois, não se pretende lutar em favor da verdade, mas à posição e lugar econômico-político que ela exerce e que está relacionada às estruturas de poder, responsáveis por produzi-la e apóia-la, bem como aos efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.

⁵ O jornal **Gazeta de Sergipe** serviu para Orlando Dantas como um instrumento importante nas batalhas contra os adversários políticos do governo de seu pai, Manuel Dantas, que havia fundado esse jornal durante seu governo. Orlando Dantas, juntamente com seu aliado e posterior inimigo, Leandro Maciel, fundou o PSD em Sergipe. Por meio das idéias políticas estabelecidas nesse partido criou, em 1948, o jornal **Gazeta Socialista**, órgão do Partido Socialista Democrático. Jornal que entraria em recesso para somente retornar em janeiro de 1956. Segundo Ibarê Dantas (DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 231.), nesse periódico ele inspirou às análises e denúncias mais contundentes direcionadas, em boa parte, às práticas dos udenistas, aos quais não dava espaço para explicações. As denúncias divulgadas pelo jornal acerca de roubos, furtos, atentados políticos, assassinatos e corrupção traduziam a postura de vários dos órgãos de oposição no período, indispondo o grupo do PSD, sobretudo, com as principais figuras da UDN, na medida que publicava críticas contundentes a Lourival Batista e a Leandro Maciel, a quem considerava uma das personagens de maior influência política do Estado, e de cujas propostas discordava.

⁶ Por outro lado, o **Correio de Aracaju**, de propriedade da UDN, era dirigido por Gilton Garcia. Leandro Maciel aparecia como um dos principais beneficiados da linguagem política do citado periódico. O **Correio de Aracaju** participou de maneira efetiva no processo de difusão das idéias

No trabalho de análise, identificamos a presença de dois momentos. O primeiro deles se refere ao período de 1964 a 1969, marcado por uma retórica dominada pelas estratégias do discurso do medo, de clara intenção em alertar a população sobre os “perigos” do avanço comunista. No outro momento, destaca-se a fase entre os anos de 1970 e 1974, onde predomina a retórica da esperança, de forte apelo ao culto à pátria e a sua história, assim como ao engajamento dos cidadãos nos grandes projetos em curso na nação, entusiasmada pelos efeitos do milagre econômico.

Dentre as poucas obras que se voltaram para a análise das imagens veiculadas do país na época da Ditadura Militar, destaca-se o livro do historiador Carlos Fico,⁸ **Reinventando o otimismo** – Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil, que analisa a propaganda política que o regime militar produziu no período de 1969-77, no sentido de revelar como os conhecidos tópicos do otimismo: a riqueza natural do país, a democracia racial, a cordialidade, o conagraçamento, alegria e festividade do povo brasileiro foram re-significados em função da nova realidade sócio-econômica que se pretendia inaugurar.

Marilena Chauí em **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária** revelou como ao longo da história brasileira as elites se utilizaram de uma representação ideológica em torno dos principais símbolos do País para manter seus projetos de dominação. Através da idéia de mito fundador, ao longo da história nacional novas resignificações foram construídas para dizer o que de fato era o Brasil e seu povo.

No que se refere à interpretação do material jornalístico no período de ascensão da Ditadura Militar, apresenta-se o livro de José Luiz Fiorin **O Regime de 1964** – Discurso e Ideologia, no qual o autor estudou a retórica do poder, mostrando como esse

golpistas; o que faz com que alguns concordem que em Sergipe, a chegada dos militares ao poder soou como um golpe udenista.

⁷ O jornal **A Cruzada** revelava um momento de domínio da ala conservadora da Igreja nos anos que antecederam à emergência do regime autoritário. Dirigida pelo Monsenhor Luciano Cabral Duarte, **A Cruzada** refletiu uma tendência altamente conservadora fazendo críticas à política nacional, ao presidente e, de modo geral, ao clima de “anarquia” dominante no país, como veiculava o jornal em fins de dezembro de 1963, por falta de recursos, para somente retornar em 1965, durante o período da Tutela Militar.

⁸ Entre outros trabalhos relevantes do autor, destacam-se **Como eles agiam** – os subterrâneos da Ditadura Militar espionagem e polícia política (Rio de Janeiro: Record, 2001) e o artigo **Algumas notas sobre historiografia e história da ditadura militar**, onde analisa o crescimento da produção historiográfica sobre o regime militar de 1964, ressaltando o questionamento acerca das principais teses sobre o AI-5 e a relação entre os oficiais-generais e os crimes de tortura, morte e desaparecimento de presos políticos. O citado artigo está contido na revista **Estudos de História** – A Força na Política. UNESP, Franca – v.8 – n. 1. São Paulo, 2001.

mesmo discurso oficial procurou se mostrar como verdadeiro entendimento da realidade, seja escamoteando elementos importantes da história ou simplesmente persuadindo por meio de figuras de linguagem.

Luiz Fiorin⁹ afirmou, por exemplo, que “para descaracterizar o golpe como golpe, foi preciso instituir o povo como destinador de um querer, e o golpe passou a ser chamado de ‘revolução’”. Num exemplo de uso da semântica da violência, em que se mostrou ser necessário “repor” a nação no seu correto caminho e os militares aparecerem como os seus verdadeiros “salvadores”, frente a um contexto de “ameaças” à soberania nacional com ações que remetiam a um clima de desordem.

Essa estratégia reflete, segundo Chauí,¹⁰ uma perspectiva da retórica do golpista em configurar uma linguagem em que o mito incorpora uma imagem messiânica da política que possui como parâmetro o núcleo milenarista como embate cósmico final entre a luz e a treva, o bem e o mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou satanizado (treva e mal). Assim, os militares se apresentaram como “luz” e os comunistas foram apresentados como “trevas”.

Já no início da década de 1960, a imprensa viveria um clima de denúncias a respeito de ligações dos principais jornais do país com empresas de publicidade estrangeiras, acusadas de financiar campanhas políticas e reproduzir material propagandístico de natureza anticomunista, que, já configurava uma indústria no Brasil. Desse modo, o complexo IPES/IBAD teve participação bastante ativa nesse processo a partir da efetivação estratégica de montagem de uma estrutura favorável à deflagração do golpe tanto por meio de distribuição de panfletos e notícias em jornais quanto através de publicação de livros.¹¹

De acordo com Nelson Werneck Sodré, foi nessa época que o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), compôs frotas de automóveis, organizou cadeias de rádio e de televisão, comprou a opinião de jornais, patrocinou centenas de candidatos, “achincalhou reputações, fez intimidações e chantagem e chegou ao cúmulo de instalar sistema próprio de gravações no Congresso Nacional”.

⁹ FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: EDUSP, 1989, p. 08. (Série Contexto)

¹⁰ Cf. CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 86.

¹¹ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Apesar de parecer um pouco exagerada a explicação de Sodré, os dados fornecidos por ele foram confirmados por outros renomados pesquisadores como René Armand Dreyfuss. Segundo esse autor, amplos complexos como o IPES/IBAD, através do relacionamento com importantes jornais, rádios e televisões, procuraram provocar um amplo impacto na opinião pública nacional através de formulação de notícias que desequilibrassem o governo de João Goulart. Vários jornais se puseram a serviço da difusão de idéias anticomunistas, reproduzindo em todo o país o material propagandístico golpista ou denunciando o clima de medo da população frente a temas como a reforma agrária e comunismo, capazes de desestabilizar o Governo e, ao mesmo tempo, apresentar os militares como via alternativa ao poder.

Destaca Dreyfuss¹² que, visando instigar o desespero social entre as camadas mais simples da população, “trabalhos produzidos para consumo empresarial e político eram reescritos em ‘linguagem de dona-de-casa’ por pessoas tão variadas, como Wilson Figueiredo, editor do Jornal do Brasil e a romancista Raquel de Queiroz”.

O objetivo daqueles que tramavam o Golpe era apresentar o presidente João Goulart como um sujeito incapaz de governar, influenciado por idéias comunistas, condescendente com as invasões de terras, com a subversão dos valores cristãos e da pátria, bem como dominado por práticas esquerdistas e demagógicas. A descrença de significativa parcela dos setores da classe média brasileira e dos partidos políticos em relação à efetivação da Reformas de Base, junto aos interesses contrários de outros grupos ligados ao capital internacional presente no Brasil, atuaria para consolidar uma ofensiva destinada à deposição de Jango, que se efetivou em 01 de abril de 1964.

As discussões acerca da situação política do País, em plena ebulição, eram assuntos constantes nos jornais. Como exemplo que transparece o clima político brasileiro em fins de março de 1964, o jornalista Ariosvaldo Figueiredo, no jornal **Gazeta de Sergipe**, fala das repercussões dos acontecimentos nacionais no estado e da situação de medo trazida pela “guerra psicológica” que havia tomado o País:

Vive-se no momento, em todo País, uma ‘guerra psicológica’. Tão estudada e friamente calculada que chegou até Sergipe. O pânico, para nossa tristeza, sergipanizou-se também. Não vamos discutir essa ‘guerra psicológica’ [mas] [perguntaremos]: a quem essa ‘guerra’ beneficia? Quais os troféus que possibilita? A que fim levará? Não é justificável, nesta altura dos acontecimentos, que seriam indivíduos

¹² DREYFUSS, René Armand. **1964 – A Conquista do Estado**: Ação política, poder e golpe de classe. Laboratório de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

pelo interior do Estado a dizer, de ouvido em ouvido, de casa em casa, que o Governo vai tomar as propriedades dos seus legítimos donos; não é aceitável, muito menos, que espalhem o terror na base de supostas ‘invasões’ de propriedades particulares, ‘invasões’ que, como é público e notório, não ocorreram no Estado. [...] Ninguém, nesta hora, pode e deve se omitir. Federações (Rural, Industrial, Comercial), sindicatos, associações em geral precisam esclarecer os ingênuos, orientar os atemorizados e, principalmente, neutralizar a raiva ou leviandade dos agricultores.¹³

As agências publicitárias prosseguiam no seu objetivo de controlar a opinião pública nacional, não apenas por meio da pressão sobre as empresas de jornais, mas também instalando uma imprensa estrangeira, como ocorria em tipos de publicações como as revistas **Seleções** e **Visão** – que se mostravam numa ação ousada em vista ao controle da opinião pública, mais tarde ampliado para as editoras, como ocorreu com o livro de Suzanne Labin, **Em Cima da Hora** – A Conquista Sem Guerra, que recebeu a curiosa e esclarecedora tradução de Carlos Lacerda, alertando para as estratégias do avanço comunista no “mundo livre”.¹⁴

A autora, que veio ao Brasil no ano de 1963 e foi recebida pelo então governador Carlos Lacerda, destaca o trabalho coordenado pela União Soviética para, através da guerra política, ampliar seu controle sobre as sociedades “livres” no mundo. Segundo Labin, a guerra política podia ser assim definida como:

[..] o conjunto das ações montadas pelo Kremlin, na vida de cada povo, para destruir, **por dentro**, os regimes de liberdade e em seu lugar instalar um poder absolutista e totalitário. Os seus principais meios são a propaganda, a infiltração, a corrupção, a conspiração, a sabotagem, a guerrilha; vale tudo, à exceção do engajamento regular das forças armadas soviéticas numa guerra quente.¹⁵

A imprensa ocupou um papel preponderante na mobilização em torno de um sentimento de “receptividade” em relação ao Golpe de 1964. Mas, é certo que sua função não se limitou apenas a esse período, mas esteve presente em toda a Ditadura sob formas várias, como portadora de discursos diferentes.

Saindo dos anos iniciais do sistema autoritário, vivenciou-se um novo panorama econômico que, mesmo agravando as contradições sociais existentes, foi responsável por um surto de otimismo e esperança em relação ao futuro da pátria,

¹³ **Gazeta de Sergipe**, 21 mar. de 1964.

¹⁴ Cf. LABIN, Suzanne. **Em Cima da Hora**. Tradução, prefácio e notas de Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964.

¹⁵ *Ibid.*, p. 25. Destaque da autora.

manifestado por expressões nacionalistas voltadas para a legitimação política do regime: “Ninguém segura este país”, “Pra frente, Brasil!”, “Ontem, Hoje e Sempre: Brasil!”... – como um fenômeno advindo do “milagre econômico”, que tomou a nação na década de 1970, numa nova configuração do mito fundador.

Em mensagem do jornal **Fôlha Trabalhista**, de 05 de setembro de 1971, o jornalista Carlos Tadeu, na Coluna “Atualidade e Reflexões”, traz alguns elementos elucidativos:

A Ordem é Progresso!

Ao recordarmos os grandes feitos de nossos heróis nesta semana de civismo e brasilidade, ocasião de redobramos a nossa fé nos destinos da grande Pátria, um só brado deveria ecoar de todos os corações – TOCAR O BRASIL PARA A FRENTE! Ama-se a Pátria querendo bem a sua família, ao seu bairro, à sua cidade... A Pátria, já dizia Rui, é a família, é a pequena cidade amplificada. Estância, pequena partícula de uma Pátria imensa, também carece de amor, de carinho, de um governante consciente de sua responsabilidade e, sobretudo, que siga à risca as ordens do Chefe da Nação: ‘Ame-a ou Deixe-a’.¹⁶

Conforme Marcos Napolitano,¹⁷ a primeira metade da década de 1970 representaria para a cultura brasileira um momento difícil, dominado pela repressão imposta pelo AI-5, no ano de 1968, juntamente com a série de exílios e o uso constante da censura, além do aumento considerável dos meios de comunicação populares, marcados pela propaganda “nacionalista” do regime militar.

A década de 1970 assinala a história brasileira como uma época mergulhada na idéia do otimismo. Nessa fase, os setores médios e da elite social experimentaram a vitalidade do sentimento otimista em relação ao País, entusiasmado pelos resultados do “milagre econômico”.¹⁸

A idéia de otimismo em torno do desenvolvimento brasileiro entusiasmou, sobretudo a classe média e setores mais pobres da população, vítimas em potencial dos anos anteriores, da desvalorização dos salários e do desemprego. A expectativa de aumento do consumo, e a sua efetivação, foi responsável por configurar um fenômeno

¹⁶ **Folha Trabalhista**, 05 set. de 1971.

¹⁷ Cf. NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001. (Série Contexto).

¹⁸ FICO, Carlos. Algumas Notas sobre Historiografia e História da Ditadura Militar. In: A Força na Política: **Estudos de História**. Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca, SP, Brasil, 1994 – 2001.

assinalado por Elio Gaspari¹⁹ quando afirma que: “O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, coexistiram negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro”.

Em plena fase de desenvolvimento, a economia brasileira encontraria condições de ampliação de suas atividades industriais, por meio de investimentos do capital estrangeiro. Concomitantemente, o setor estatal foi fortalecido dando oportunidade para que controlasse setores estratégicos da economia nacional ligados à área energética, de extração de minérios e bancária, através de empresas de porte como: PETROBRÁS, SIDERBRÁS, CVRD, BNDE e BNH.²⁰

A propaganda dos militares visava, assim, reacender elementos constantes do otimismo como: a exuberância e riqueza natural do país, a democracia racial, o espírito cordial e fraterno do povo, sua alegria, festividade, mitos e heróis; deslocando o foco das atenções de problemas como: a desigualdade, a fome, a tortura e a morte, tantas vezes ocorrida nos subterrâneos do Regime Autoritário.

Dentre os aspectos mais presentes na “fala da ditadura”, nesse período, podemos destacar o predomínio de algumas temáticas reforçadoras da ideologia dominante: grandes obras, comemorações em torno da pátria, valores da família, comportamentos, ideologia política, heróis – mártires, juventude e cultura.

No que se refere às grandes obras implementadas pelo Governo, essas se estendem desde construções como a Transamazônica até, a exemplo de Sergipe, o projeto em torno do Pólo para extração de minérios e o esperado porto do estado; além de outras obras como rodovias, CEASA e conjuntos habitacionais, como o Conjunto Residencial “Marechal Castello Branco” e o Conjunto “Gentil Tavares da Motta” entre outros. Ao mencionar a realização de tais projetos, os jornais, principalmente a Gazeta de Sergipe, enfatizam o significado grandioso de tais realizações que “levariam” o País para o primeiro mundo e tirariam o estado de Sergipe da situação de atraso em que se encontrava.

No caso da Transamazônica, esta obra vinha atrelada à proposta de integração do Brasil contida na política de “Segurança Nacional”. Na Coluna de Carlos Tadeu, presente na Gazeta de Sergipe, o jornalista destacou:

¹⁹ GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 13.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Brasil contemporâneo**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1994, 75-76.

O assunto mais apaixonante do momento é a fabulosa rodovia que o governo federal vai construir através da AMAZÔNIA, procurando integrar – para não entregar – as regiões centro norte do Brasil. Trata-se de uma META de tão largo alcance, sócio-econômico-geográfico que nenhum brasileiro consciente pode ficar indiferente.²¹

Além de obras “físicas”, que reformularam a fisionomia do país com pontes, estradas, viadutos e estádios de futebol, outras de caráter assistencial tomaram corpo como as grandes campanhas: MOBREAL, que pretendia diminuir o índice de analfabetismo; o Plano Nacional de Saúde, que não chegou a sair do papel; o Projeto Rondon, criado para dar assistência às populações mais distantes e sem assistência do país, do qual participavam jovens universitários; e o INAN, Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, sob o lema: “Desenvolvimento e Nutrição”, criado com a perspectiva de amenizar a fome das parcelas menos favorecidas.²²

Em propaganda veiculada pelo jornal **Gazeta de Sergipe**, o INAN ressaltava que o maior inimigo do desenvolvimento era a desnutrição. Partindo desse princípio, a missão do Instituto seria lutar pela diminuição dos índices de desnutrição, bem como atingi-lo em suas várias causas: o analfabetismo, a desqualificação profissional, a desinformação nutricional, além das precárias condições sanitárias e habitacionais dos brasileiros. Sendo que, mesmo propondo erradicar a desnutrição, a mensagem preferia não falar em fome e miséria, ao tempo que procura desvincular seu objetivo de mera caridade paternalista. Nas palavras do INAN, é importante a participação dos brasileiros, visto ser necessário que cada cidadão: “Lute também. Há sempre algum jeito de contribuir. Só um povo bem nutrido é base para uma sociedade economicamente desenvolvida”.²³

É importante ressaltar, nesse texto, o predomínio de um tom apelativo e ao mesmo tempo revelador da ideologia do Regime. A nutrição associada ao desenvolvimento, como símbolo da política ditatorial – que tinha a sociedade como um todo carente do amparo do governo. Seria necessário, segundo ele, terminar com a desnutrição porque esta serve de entrave ao progresso sócio-econômico do país. Todos deveriam se “somar” no sentido de diminuir a desigualdade. É daí que o governo se

²¹ Jornal **Gazeta de Sergipe**, 12 jul. de 1970.

²² BARROS, Edgard Luiz de. **Os governos militares**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 70. (Repensando a História)

²³ **Jornal Gazeta de Sergipe**, 01 fev. de 1974.

esquiva da possibilidade de ser comparado com a política populista, na medida em que não tem o povo como objeto de proteção, mas “parceiro” no processo.

Em editorial do jornal **Gazeta de Sergipe**, o jornalista elenca as realizações da “Revolução” chamando-a de a “Obra Revolucionária”. Entre elas estão a criação do Banco Nacional de Habitação, FGTS, FUNRURAL, PROVALE, PROTERRA, PRODOESTE e EMBRATEL, obras que iam ao encontro das necessidades do país. De acordo com o editorial:

A Revolução é senhora de tudo, e a ela cabem os méritos, pois ela é quem disciplina comportamentos, abre caminhos, impõe critérios, fiscaliza, bem como orienta. Logo ninguém deve se arvorar de dono de obra e de realizações, porque a obra é e assim se entende da Revolução, fruto amadurecido pelo trabalho confiante dos que se empenham no desenvolvimento nacional.²⁴

Como “senhora de tudo”, a Ditadura convergia para publicização de ações que pudessem reforçar uma imagem de credibilidade perante o “povo”. Eram, sobretudo, notícias sobre recordes de produção nos vários setores da economia e implementações de investimentos no campo social. Além disso, o governo se esforçava para fixar a idéia de infalibilidade, de coesão, força e honestidade.

No editorial da **Gazeta de Sergipe**, em fins de dezembro de 1971, ao falar sobre a realidade do país, o autor, provavelmente Orlando Dantas, desfaz as esperanças de determinados setores políticos em relação à volta da “liberal democracia”, com o apelo em favor das eleições e da “revogação” do AI-5. Diz o autor que tal empenho revela o “inconformismo” dos grupos liberais com uma fase de significativas modificações das estruturas econômicas, sociais e políticas do País, “... que implicam em tanger esta Nação para novos rumos”, principalmente quando as Forças Armadas estavam promovendo uma administração moralizadora, progressista e independente, merecendo assim, a colaboração de todos os brasileiros.

Nessa lógica, a participação de todos era “uma necessidade vital ao novo sistema do govêrno que se implantou desde março de 1964” e que necessitava, portanto, do apoio da juventude, dos intelectuais, das classes produtoras e das igrejas, formando uma unidade que “... o Presidente Médici vai elaborando com a sua simpatia, a sua tolerância, a sua austeridade e poder de decisão, em defesa de nossa soberania”.²⁵

²⁴ **Gazeta de Sergipe**, 31 dez. de 1972.

²⁵ **Gazeta de Sergipe**, 22 dez. de 1971. Destaques nossos.

Ao final, sentencia o editorial dizendo que: “não há condições para a volta à liberal democracia, porque o mundo deixou de ser liberal”. O importante naquele momento era a união de todos os sergipanos, assim como o fortalecimento do governo do Estado, para o início do “grande” projeto de desenvolvimento que seria efetivado pelas grandes riquezas minerais em Sergipe. A mensagem, como tantas outras, remetia naquele momento às idéias de “construção” e “transformação” que se tornariam a marca dos tempos áureos da economia brasileira sob o Golpe.

De acordo com os “militares”, suas ações viriam no sentido de inaugurar um novo tempo, reconstruindo as bases de uma Nação que esteve à beira do caos moral e econômico, em que a Revolução se mostrou capaz de substituir a desesperança, o medo e a frustração de antes por confiança, tranqüilidade e otimismo quanto ao presente, aliada a uma “certeza” inabalável em relação ao futuro.²⁶

O próprio Presidente Médici foi responsável pela frase “é tempo de construir”, na forma de síntese da sua política “revolucionária” no campo sócio-econômico brasileiro. Para a **Gazeta de Sergipe**, todavia, os dirigentes estaduais usando de esperteza, interpretaram-na de forma inversa. Daí podendo-se entender a agonia desses dirigentes em anunciar a construção de edifícios, salas de aulas, ginásios, grupos escolares, piscinas, pistas asfaltadas para balneários, enfim, “... convênios para um mundão de coisas que são anunciadas sem resultados positivos. [Pois] realmente o efeito entre as populações basbaques é enorme, porém quanto à política de desenvolvimento econômico pouco ou quase nada significa”.²⁷

No dia 14 de janeiro de 1973, a seguinte notícia aparece em destaque na **Gazeta de Sergipe**: “Médici confisca bens por enriquecimento, no caso, ilícito”, demonstrando assim, que o governo não toleraria corrupção, dando “provas” de sua idoneidade. Ao mesmo tempo, propagandeava a construção de casas para o operariado brasileiro. Em Sergipe, a COHAB construiu alguns conjuntos residenciais nessa fase, como o “Presidente Médici”.

No caso da linguagem enquanto elemento de doutrinação, tem-se o artigo de Istênio Braga, intitulado: “Duas Revoluções – Dois Destinos...” no qual o autor diz que:

... o que está imperando no Brasil é o direito da Igualdade e da Liberdade sob a égide da Constituição. Povo e Govêrno se respeitando

²⁶ **Gazeta de Sergipe**, 30 mar. de 1971.

²⁷ **Gazeta de Sergipe**, 19 jan. de 1973.

mutuamente, estabelecendo o princípio da confiança recíproca. [...] Se assim se não fôsse, (mas tem de ser) os honrados Chefes da Revolução de 31 de março de 1964 bichariam e cairiam de pôdre, como das árvores caiem os frutos pecos. [...] E como bons brasileiros que somos, ajudemo-la, portanto a remover os obstáculos que, por ventura possa surgir na estrada larga e luminosa do seu Porvir.²⁸

O texto cumpre o escopo de inverter perseguições, censura e golpe em igualdade, fraternidade e liberdade, além de ter um tom mobilizador frente as possíveis ameaças, como o crescimento dos movimentos de guerrilha urbana, ligados a grupos de esquerda. O endurecimento do regime político, ocorrido principalmente durante o governo Médici, é habilmente ocultado através de mensagens que tentavam reforçar os bons índices econômicos do país e a “legitimidade” conquistada pelos militares em sua obra “revolucionária”.

Outro aspecto dessa formação ideológica e presente na propaganda política do período reside no culto aos ícones da pátria, os conhecidos heróis da história nacional. A Cruzada, em 25 de agosto de 1970, noticia a homenagem que o Lions Clube faz em memória a Caxias, pela passagem do Dia do Soldado.

Nessa mesma época, diversas homenagens são feitas a outras personagens históricas brasileiras como Santos Dumont, D. Pedro I, Bonifácio de Andrada, Getúlio Vargas e Tiradentes. Geralmente realizadas por empresas estatais, como a PETROBRAS, que, com mensagens claras, exploram a necessidade de culto da população em torno dos heróis da pátria e de enaltecimento dos próprios militares pelo “brilhante” trabalho de resgate da história nacional. Destaca-se aí uma característica da comunicação jornalística diante do forte apelo ao valor da tradição, do que é antigo e amplamente legitimado pela sociedade.

Assim, D. Pedro I é o proclamador da Independência através de um gesto heróico, Caxias é o pacificador das horas angustiosas pela qual a nação passou; Tiradentes, o mártir, Santo e herói do Brasil e Santos Dumont, o Pai da Aviação, o condutor do país rumo ao progresso e à civilização, na medida em que foi ele que “colocou o ‘Brasil’ nos céus da França”.²⁹ Segundo o jornalista Carlos Tadeu, num forte tom patético:

²⁸ **Folha Trabalhista**, 15 abr. de 1973.

²⁹ **Gazeta de Sergipe**, 23 out. de 1971.

[...] não há maior exemplo de heroísmo e santidade do que aquele que dá a vida por seu povo; como Ele, o Cristo, fizera. Daí porque achamos nós que, ao lado de Anchieta e homens desprendidos desse quilate, nosso TIRADENTES é também mártir e santo, digno de nossa maior veneração e respeito. Fôra, além disso, o grande pioneiro de nossa libertação, exemplo vivo para nossa juventude. Muitas palmas, dia 21, que êle merece!³⁰

Eles Merecem

Caxias, Tiradentes e Bonifácio de Andrada continuam a ocupar o 1º lugar no coração do nosso povo, entre as nossas grandes figuras históricas. Pedro II também é muito respeitado em suas barbas brancas. Todos os quatro, sem esquecer os demais heróis, devem ser muito amados pela juventude brasileira, como o padrão de dignidade pátrios.³¹

A memória dessas conhecidas figuras era “resgatada” nas mais diversas ocasiões e, principalmente, durante as comemorações em que a temática era a pátria. O tema patriotismo é um elemento recorrente nos jornais. São propagandas amplamente direcionadas para a juventude, como uma forma de suscitar o interesse da chamada mocidade para o amor pela nação e por seus destinos, buscando despertar para um esforço conjunto, em nome de uma pretensa brasilidade.

Nas palavras da deputada Núbia Macedo, em discurso na Assembléia Legislativa, é necessário:

Que a nossa mocidade se mire no Duque de Caxias para despertar seus sentimentos patrióticos. [...] [pois] graças ao seu genial espírito de guerreiro e ao seu amor [...], o Duque de Caxias encontrou o caminho certo para vencer o inimigo, para resolver problemas de ordem nacional e, finalmente, impor o Brasil ao respeito dos demais países do universo.³²

Destarte, vários eventos são realizados nessa fase como: shows de ginástica, exposições, concursos de monografia, Semana da Pátria, do Exército, Aniversário da Revolução, palestras, condecorações e diversos outros acontecimentos, como visita à Chama Simbólica, promovida como campanha do Serviço de Imprensa e Relações Públicas da Prefeitura de Aracaju: “Os grandes feitos da Pátria, sua história, seus heróis e suas glórias, estão representadas pelo “Fogo Simbólico da Pátria”. Dia 29, às 12:15

³⁰ **Folha Trabalhista**, 16 abr. de 1972.

³¹ **Folha Trabalhista**, 05 set. de 1971.

³² **Folha Trabalhista**, 06 set. de 1970.

horas, na Praça Fausto Cardoso, chegada do Fogo Simbólico a Aracaju, Prestígio”,³³ ou mesmo o Encontro Cívico Nacional, como o que ocorreu no ano de 1972:

Quando o seu país tem uma razão muito forte para fazer uma festa, quem deve se considerar convidado? Vai ser no dia 21 de abril às 18,30. Um dia cheio de significado para esta nação, porque marca o começo de toda uma luta pela nossa independência. Portanto, uma boa data para ser festejada, alegremente. E este anúncio é um convite para você comparecer. Assim como você pode convidar todos os brasileiros que você conhece. Nessa festa todos nós vamos cantar juntos a música de maior sucesso neste país. O nosso Hino. Pense na vibração que vai ser se você, e 90 milhões de brasileiros cantando juntos. A mesma hora, em todos os pontos do País. Um País com 150 anos de Independência merece isso. 1972 – Encontro Cívico Nacional.³⁴

Outros eventos interessantes são divulgados pela imprensa sergipana. Temos como exemplo cômico a seguinte notícia: “D. Pedro Chegou ontem Numa Urna de 250kgs. e Fica Até Amanhã”. Tal mensagem referia-se à chegada dos restos mortais de D. Pedro I para visita em várias capitais brasileiras. Essa visita foi possível a partir da autorização concedida pelo governo de Portugal para as comemorações em torno do sesquicentenário da Independência do Brasil.

No intuito de convidar a população para ver à exposição da urna contendo os restos mortais do Imperador, a notícia era clara procurando despertar o sentimento nacionalista dos leitores: “Vá vê-los. Todos nós temos o dever de gratidão, e precisamos mostrar isso. Foi ele quem permitiu que o Brasil fosse hoje uma nação forte e livre”.³⁵ Tornando-se possível perceber que a marca lingüística do texto de função apelativa é a presença do modo imperativo do verbo, nessa situação, o verbo “Ir”, bem como o âmago do sentimento patriótico.

Outro elemento interessante é a preocupação com a opinião dos países desenvolvidos em relação ao Brasil. Como país em pleno desenvolvimento, recebe com festa as notícias sobre a nova imagem alcançada pela nação no exterior. O senador Lourival Batista divulga seu entusiasmo ao retornar da Europa, onde se falava de um “Novo Brasil”, fruto do alardeado “milagre brasileiro”.

Por outro lado, tal interesse pela visão que o exterior tinha sobre o país pode ser melhor compreendido por meio do artigo de Luís Antônio Barreto, publicado na

³³ **Gazeta de Sergipe**, 23 jul. de 1971.

³⁴ **Gazeta de Sergipe**, 13 abr. de 1972.

³⁵ **Gazeta de Sergipe**, 10 maio de 1972.

Coluna Aberta com o título: “Zé Carioca, a má fé”. O artigo constitui uma análise do personagem Zé Carioca, criado por Walt Disney em 1945, num empenho do jornalista em revisar a imagem difundida pela personagem acerca do caráter dos brasileiros, resultado do pan-americanismo da década de 1940. Na visão do autor, a personagem passa uma mensagem deturpada e mentirosa sobre o Brasil e seu povo, que ao contrário, não é preguiçoso e vagabundo.³⁶

Nesse sentido, Carlos Fico enfatiza que o interesse na imagem de Brasil Potência incitou a outro tipo de perspectiva, ou seja, a de um desejo geral em negar, ocultar, afastar ou recontextualizar vários dos traços que eram vistos como negativos ao país e seu “povo”: “...a preguiça, a ignorância, a indolência, a sensualidade permissiva, enfim, feições temidas, especialmente pela elite letrada, do ‘caráter nacional’ – e que, portanto, ‘causavam vergonha’”.³⁷

Em linhas gerais, no plano ideológico, divulgava-se uma imagem do governo como aparelho altamente competente, cujos méritos alcançados deviam-se ao empenho da “Revolução”, enquanto os deméritos como pobreza e corrupção, pertenciam à ação parasitária das oligarquias, secularmente dominantes, e à infiltração subversiva, a qual o Regime soube cumprir seu papel histórico ao retirar do Poder os que nutriam intenções estranhas aos interesses nacionais, afastando a baderna e a ação negativa dos demagogos.

Para o então governador do Estado, Lourival Batista, em 1970: “expressivo é, portanto, o slogan com que a Revolução de 1964 comemora em todo o País o seu quinto aniversário, ao afirmar: ‘Antes de 1964, o Brasil era o País do Futuro – e então o Futuro chegou!’”.³⁸ Vive-se, segundo a propaganda, num clima de tranquilidade que é impossível negar, principalmente pela austeridade e capacidade do presidente Médici, viabilizador da idéia de Brasil Potência. No dia primeiro de maio de 1973, reafirmou o jornal **Gazeta de Sergipe**:

... que os brasileiros podem em clima de harmonia e de segurança identificarem mais uma vez os seus ideais que se fundem todos nos objetivos comuns do engrandecimento nacional que se faz paralelamente com a ampliação das perspectivas de justiça social e

³⁶ **Gazeta de Sergipe**, 13 jul. de 1973.

³⁷ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1997, p. 36.

³⁸ BATISTA, Lourival. **Pronunciamentos do governador de 31-1-1967 a 14-5-1970**. Brasília: [s/ed] 1976, p. 392.

bem estar para todos os que participam do esforço comum de construção.³⁹

Determinadas figuras como o Presidente Médici, no cenário nacional, e Lourival Batista, no local, são constantemente referidos como exemplos de capacidade política. Médici é um dos presidentes que mais se utilizou da propaganda para divulgação de sua imagem. Os substantivos com função adjetiva: seriedade, honestidade, atuação, força são os mais utilizados para se referir ao grande “Estadista”. Os gostos, costumes e passagens do citado político ganham importância, pela proximidade ao gosto popular, como a paixão pelo futebol, símbolo da tentativa de consolidação do verdeamarelismo no Brasil.⁴⁰ Chega-se até a comparar o Presidente Médici com Getúlio Vargas, pelas realizações e simpatia popular de ambos.

No contexto sergipano, Lourival Batista é figura dominante desde a deflagração do golpe. A partir de 1968 encontra no jornal **Gazeta de Sergipe** e no jornalista Orlando Dantas, outrora opositor, forte aliado. Aliás, Orlando Dantas é uma personagem curiosa da política sergipana, passando de “socialista convicto” para um dos maiores promotores das idéias da Ditadura.

No que concerne à juventude, são várias as ocasiões nas quais a imprensa se remete a ela, instigando-a para que ela se integre à vida política. Existe, sobretudo, de acordo com setores do regime autoritário, um distanciamento entre a “mocidade” e a Revolução, que considera isso resultado da ação dos opositores da Ditadura. O jornal **Gazeta de Sergipe** destaca em uma matéria: “Presidente Médici pretende estimular participação da Juventude no País”.

O coronel Neivosa Távora, do Comando do 28º BC, transcreve artigo do **Diário de Notícias** do Rio de Janeiro com o título: “Amar os jovens”. No citado artigo, o General Antônio Murici afirma que, para combater o aliciamento subversivo dos jovens, é preciso amá-los e conhecer melhor as razões que motivaram esses jovens à adesão de práticas subversivas pois, através de pesquisa, foi demonstrado que boa parte deles tinha algum problema de relacionamento com os pais, além de terem sido subvertidos no meio escolar por estudantes profissionais e professores.⁴¹

³⁹ **Gazeta de Sergipe**, 02 maio de 1973.

⁴⁰ CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000, p. 33.

⁴¹ **Gazeta de Sergipe**, 03 dez. de 1971.

Sobre a participação dos jovens nos acontecimentos políticos, o início dos anos 1970 reflete certa apatia, traduzida pela relativa ausência nas manifestações populares. Depois de 1968, ano de intensos embates entre o movimento estudantil e militar, além de diversos protestos, o cenário é de apaziguamento entre os lados, num momento em que a propaganda oficial, envolta pela euforia do “milagre”, juntamente com a censura e a repressão ofuscam os movimentos de esquerda.⁴²

Os trotes universitários, momento de irreverência e contestação, aparecem desprovidos de seu caráter opositor, como pode ser comprovado pelo desaparecimento dos cartazes de contestação, para o surgimento de faixas contendo piadas. Um fato sintomático dessa afirmativa foi o trote de Medicina, onde os calouros saíram às ruas como “garis” fazendo a limpeza pública com carrinhos, vassouras e pás, a fim de lembrar a campanha “Povo Desenvolvido é Povo Limpo”, dando assim exemplo à sociedade de como se deve cooperar com a limpeza da cidade. Com o título “Calouros fizeram carnaval”, a **Gazeta de Sergipe** diz:

... o trote contou com a participação de 63 calouros e, segundo eles, foi o “mais clássico de todos”. Várias faixas, com piadas interessantes, fizeram rir o grande número de populares que presenciaram o desfile por todas as artérias em que passava. Uma das faixas dizia: ‘As maiores obras são feitas de cócoras’.⁴³

Os calouros de Engenharia Química, por sua vez, participaram de trote filantrópico para beneficiar instituições de caridade. No que se referia ao discurso da Ditadura, a metáfora, a metonímia, a paráfrase, enfim as figuras de linguagem são mecanismos utilizados para reforçar a imagem do governo. Além disso, percebemos como nos jornais os fatos do cotidiano ganham mais espaço do que os de natureza política.

Em relação à censura, esta passava a ser entendida como fenômeno justificável e não mais atrelado ao discurso do medo, uma vez que: “é uma contingência política do mundo, debruçada sobre as classes que, de várias maneiras, trabalham. Trabalham com os braços, com a inteligência ou com a presença vigilante”. Enfim, “... como se vê, em todo o mundo existe censura”.⁴⁴

⁴² COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**: Brasil 1964-1985. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 111.

⁴³ **Gazeta de Sergipe**, 11 fev. de 1972.

⁴⁴ **Gazeta de Sergipe**, 01 jul. de 1971.

Diz ainda o jornal sobre o perigo das programações: “felizmente o governo se apercebeu do perigo de deixar livre esses veículos em mãos não muito responsáveis [...] é preciso vigiar e reprimir o mau gosto”.⁴⁵ Esse fato se repete com as músicas de Raul Seixas. Segundo Carlos Moura, o cantor é um “exemplo vivo da revolta da juventude nos apocalípticos dias em que vivemos”, sendo apenas efeito de um momento sob o signo do desamor e hipocrisia.⁴⁶

Em terras sergipanas, a censura também se fez sentir. Em agosto de 1973, o informe GS, da Gazeta de Sergipe, conta um episódio no qual o deputado Heráclito Rollemberg mandou cortar a transmissão da emissora que difundia os trabalhos da Assembléia Legislativa no momento em que falava o deputado Antônio Valadares, que ao saber, ficou furioso. Ao ser indagado sobre o porquê, o deputado disse que “não ia pagar horas extras à emissora, para o deputado simão-diense ficar acusando o governo”.⁴⁷

Com a emergência dos militares ao poder, a prática da censura se consolidou sem encontrar grandes resistências por parte dos jornalistas. Num primeiro instante, alguns jornais tentaram esboçar reações para depois simplesmente se curvar diante das ameaças do regime, numa atitude típica da chamada grande imprensa. Outra postura, segundo Marconi,⁴⁸ assumida por periódicos de pequeno porte, era a defesa a uma maior resistência ao arbítrio, destacando-se os jornais que almejavam fazer um jornalismo apartado do poder e do capital.

Em Sergipe, a imprensa escrita reproduz o percurso de grande parte da imprensa nacional. Inicialmente, apresentou uma propaganda que reforçava o medo em torno da comunização do País para em seguida enfatizar uma propaganda em torno da revalorização do culto aos heróis e aos símbolos da pátria. A trajetória feita, em seu primeiro momento, atende ao propósito de destituir o antigo governo não só politicamente, mas também moralmente para apontar os militares como força legítima a assumir o poder no Brasil e resolver o quadro de instabilidade. A seguir, o que percebemos é que a “fala” dos militares se voltou para o objetivo de reforçar o projeto

⁴⁵ **Gazeta de Sergipe**, 29 mar. de 1973.

⁴⁶ **Gazeta de Sergipe**, 18 ago. de 1973.

⁴⁷ **Gazeta de Sergipe**, 16 ago. de 1973.

⁴⁸ MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira** (1968-1978). São Paulo: Global, 1980.

de construção de uma identidade brasileira, baseada numa visão otimista da realidade e na subserviência da população aos desígnios do Estado e da Doutrina de Segurança Nacional.

A linguagem da imprensa reflete os impasses e aspectos da vida política brasileira durante o tempo de permanência do modelo ditatorial. De país dominado pelo medo do avanço comunista internacional – “ávido” por propriedades, destruição dos valores da família e da pátria – até nação imbuída da imagem de “país do futuro” e de “gigante”, o Brasil fez um longo percurso no seu imaginário.

Podemos afirmar que falando dos feitos do Sistema Autoritário, dos heróis brasileiros, da necessidade de maior aproximação com a juventude, a imprensa sergipana aderiu à Ditadura e à sua propaganda. Colaborou na difusão dos elementos que compuseram a retórica dos militares no esforço em mobilizar a sociedade com palavras de fé, amor e cooperação, diante da nova realidade sócio-econômica do País. As mensagens cumpriram o objetivo de marcar, de maneira pedagógica, uma imagem positiva do Brasil e de Sergipe, ao tempo em que ajudaram a mascarar os erros dos governos militares, através do otimismo e de uma visão mística da realidade, envolta em amplos projetos de desenvolvimento e modernização.

